



BORDAR ATÉ FURAR O MURO DA CIDADE: O ELEMENTO TÊXTIL NA SUBJETIVAÇÃO DO TERRITÓRIO URBANO

EMBROIDERY UNTIL PIERCE THE CITY WALL: THE TEXTILE ELEMENT IN THE SUBJECTIVATION OF THE URBAN TERRITORY

Ana Júlia Ribeiro de Macedo¹
Universidade Federal de Pernambuco

Luciana Borre²
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

A pesquisa concentra-se no processo de criação da instalação “Bordar até furar os muros da cidade”³ realizada com bordados⁴ a partir do exercício de deriva em rotas específicas na cidade do Recife/PE/Brasil, explorando as ativações provenientes da interação entre corpo, cidade, arte e pesquisa. Com o objetivo de investigar novas formas de habitar e transformar o território por meio da arte, o bordado foi escolhido como suporte criativo para relacionar o ato de atravessar a trama do tecido pela agulha com o rompimento das fronteiras entre a artista e o território. A pesquisa foi realizada a partir de um estudo qualitativo, utilizando-se da Cartografia, com processos de criação em intervenção urbana e bordado para a produção de dados. Os resultados revelam a possibilidade de estabelecer conexões profundas entre a prática artística e a vivência urbana, permitindo uma reinterpretação poética do espaço e uma reconexão com o ambiente circundante. Conclui-se que o processo criativo do bordado não apenas proporciona uma expressão artística singular, mas também oferece uma abordagem sensível e participativa para compreender e interagir com o território urbano.

Palavras-Chave: Artes Visuais. Cartografia sensível. Bordado livre. Arte Pernambucana.

ABSTRACT

The research focuses on the process of creating the installation “Embroider until pierce the walls of the city” with embroidery based on the exercise of drifting along specific routes in the city of Recife/PE/Brazil, exploring the activations that come from the interaction between the

¹ Ana Júlia é artista têxtil, pesquisadora e estudante de Artes Visuais Licenciatura (UFPE). Graduada em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (2019) e especialista em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global pela PUCRS. Contato: ana.juliam@outlook.com. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/2323428585610582>

² Luciana Borre é artista têxtil, pesquisadora, professora nos cursos de Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco. Atua no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB e no Grupo de Pesquisa Ensino das Artes Visuais GPEAV/CNPq. É doutora em Arte e Cultura Visual, mestre em Educação e pedagogia. Foi professora na Educação Básica. Contato: lucianaborre@yahoo.com.br. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1929-3734>. Pernambuco, Brasil.

³ O presente artigo resulta de um projeto desenvolvido por meio da Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC), da Universidade Federal de Pernambuco, no âmbito do Programa de Estímulo à Cultura (PEC) da Diretoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC/2023-2024).

⁴ Link de acesso ao ZINE com registros da ação: https://issuu.com/azuiaa/docs/design_sem_nome_compressed



body, the city, art and research. With the aim of investigating new ways of inhabiting and transforming the territory through art, embroidery was chosen as a creative support to relate the act of crossing the weave of the fabric through the needle with the breaking down of boundaries between the artist and the territory. The research was based on a qualitative study, using cartography, with processes of creation in urban intervention and embroidery to produce data. The results reveal the possibility of establishing deep connections between artistic practice and urban experience, allowing for a poetic reinterpretation of space and a reconnection with the surrounding environment. It is concluded that the creative process of embroidery not only provides a unique artistic expression, but also offers a sensitive and participatory approach to understanding and interacting with the urban territory.

Keywords: Visual Arts. Sensitive cartography. Free embroidery. Pernambuco art.

ABRINDO CAMINHOS

Transitar pela cidade com atenção é, essencialmente, um ato político, uma forma de reafirmar a presença em um espaço onde, muitas vezes, atravessamos mais do que vivemos. O objeto de estudo aqui emerge como um intrincado entrelaçar de vestígios do cotidiano urbano, constituindo uma imersão profunda no processo criativo da artista que elabora uma obra de arte bordada a partir e para a cidade do Recife/PE/Brasil. Este ato configura-se como uma busca por transformar a relação da artista/pesquisadora/educadora com esse território estéril e tangível da cidade em um espaço imaginário e itinerante.

A provocação de Ailton Krenak (2023, p. 64) sobre "Como atravessar os muros da cidade?" foi um ponto de partida significativo para a concepção desta pesquisa. Em sua obra "Futuro Ancestral", Krenak propõe que esse atravessamento será com um "furo vegetal" como uma metáfora para todas as práticas que podem revitalizar o tecido urbano por meio da coletividade. Essa metáfora ressoa de forma poderosa com o processo de bordado, no qual é necessário perfurar o tecido com uma agulha para criar. Nesse contexto, a pesquisa explora o desenvolvimento de bordados artísticos como uma resposta tanto aos desafios físicos quanto simbólicos de atravessar a cidade, espelhando o ato de atravessar o tecido no processo criativo.

Em "Arte para uma cidade sensível", Brígida Campbell fornece pistas de como a arte opera como uma ferramenta para desafiar a padronização do cotidiano,



“ a arte, nesse sentido, pode tensionar as pessoas a perceber os diversos esquemas invisíveis de separação social e estimular com seu discurso, a criação de espaços para o encontro, o diálogo, a experimentação e o trânsito entre territórios” (Campbell, 2018, p. 93).

Em meio a essas reflexões, questiono: como a materialidade do bordado pode ser uma ferramenta que atravessa ponto a ponto a concretude urbana? E de que maneira esse furo na trama do tecido pode estimular uma micropolítica no próprio tecido urbano? Essa abordagem é uma busca por inserir o processo criativo em diálogo com o ambiente urbano, provocando reflexões fundamentais sobre o papel da cidade na formação de nossas identidades e subjetividades. Ao transcender o âmbito pessoal e se tornar uma expressão coletiva, a arte convida a uma nova forma de engajamento com o espaço urbano, democratizando o processo artístico e promovendo uma interação mais ativa e inclusiva com a cidade. Ao compreender como a arte pode atravessar as ruas, fluxos e individualidades, é possível avançar na proposta de "furar os muros da cidade".

O presente estudo objetiva analisar os desdobramentos entre a experiência de deriva na cidade do Recife e o processo criativo que se desenvolve a partir dessa relação, refletindo sobre as possíveis ativações que a arte pode provocar na construção de relações micropolíticas urbanas. O texto é dividido em duas partes que embasam a construção da intervenção urbana com performance “Bordar até furar o muro da cidade”. Na primeira, intitulada “O que desenha caminhos: cartografias”, aprofundo-me nas etapas iniciais do projeto, nos contornos subjetivos da pesquisadora e na escolha dos percursos. Na segunda parte, “O que atravessa: Arte”, o foco recai sobre o processo criativo, tendo como matéria-prima não apenas tecidos e linhas, mas também a imersão e as caminhadas urbanas.

1. O QUE DESENHA CAMINHOS: CARTOGRAFIA

A bússola que orienta os rumos desta pesquisa é atraída pela pulsação da vida em uma cidade, e os pontos cardeais conduzem às coreografias do cotidiano. No intrincado tecido da vida cotidiana, onde convívio, cuidado e compartilhamento



se entrelaçam, a trama de interações em um território assume uma dimensão significativa na construção de subjetividades.

Para que um texto não esteja ancorado no vazio, é fundamental reconhecer que quem escreve o faz de algum lugar. Esse "quem" precisa ser identificado, pois cada corpo experimenta o território de forma única. Na obra "Relatar a si mesmo", Judith Butler (2023) afirma que, ao relatar a própria vida, percebe-se que a identidade está entrelaçada ao contexto social. O "eu" não existe isoladamente, mas é moldado pelas normas e expectativas da sociedade. Contar a própria história significa narrar também essas relações. Assim, as experiências aqui descritas vêm de uma mulher cis, branca, de 27 anos, estudante de universidade pública e moradora de um bairro nobre.

Na pré adolescência tive as primeiras experiências de sentir meu corpo violado no espaço público através dos olhares de homens nas ruas, importunações que me acompanham desde então ao caminhar nas ruas de uma cidade. Buzinas de motos e carros, assobios, falas como "gostosa" foram um esboço do que é uma das formas de assédio a que o corpo de uma mulher é submetido ao ocupar um espaço público. São experiências que demarcam qual o gênero que me acompanha nesses caminhos da cidade.

Em sua obra *Flâneuse*⁵: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio e Londres, Lauren Elkin proporciona uma proximidade tão grande com sua experiência pessoal que a leitora, principalmente uma *flâneuse*, sente que caminha lado a lado com ela por aquelas cidades e pelas obras literárias. Sobre uma das personagens da escritora Jean Rhys, Lauren escreve:

A vida é uma espiral, fluindo no espaço, pela qual os homens sobem e depois descem outra vez, muito, muito seriamente. Mulheres como Julia ficam do lado de fora, observando-os. Mas o lado de fora pode ser um lugar muito reconfortante. Ao vaguear pelas ruas, olhar vitrines, sem ir a nenhum lugar específico, Julia se sente "serena e pacífica". Seus membros se moviam calmamente; o ar úmido e tênue era agradável no rosto. Ela se sentia completa em si mesma, isolada, independente do resto da humanidade. (Elkin, 2018, p. 80)

⁵ O termo francês *flâneur* refere-se a alguém que vagueia e observa a cidade sem obrigação, um privilégio masculino do século XIX em Paris. A versão feminina, *flâneuse*, foi explorada por Lauren Elkin para destacar como as mulheres ocupam e desafiam o espaço público, atravessando fronteiras visíveis e invisíveis das cidades com autonomia e presença.

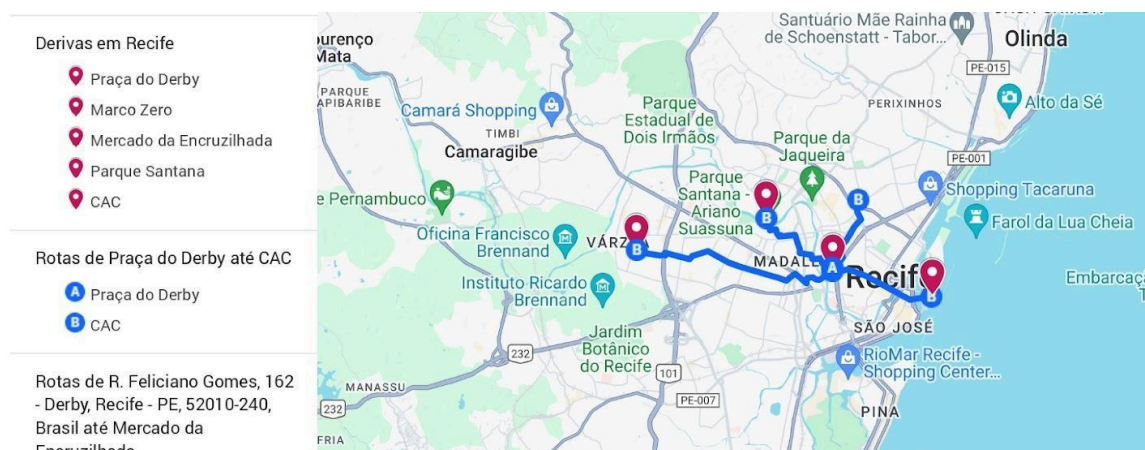


A escolha por “andarilhar” na cidade reflete uma necessidade de ser a protagonista do olhar e não mais apenas o objeto do olhar no enredo urbano, em contraste com aquelas experiências iniciais de me perceber enquanto mulher que caminha nas ruas a partir do olhar assediador dos homens. Estar “do lado de fora” demonstra a intenção de decidir onde estar e de onde se vê.

Do desejo inicial de criar bordando até a imersão no território muitas camadas foram sendo sobrepostas: pensamentos, desejos, tecidos, linhas, folhas secas, fragmentos de conversas, ausência de palavras, excesso de pensamentos, atravessamentos, orientações, poemas, livros antigos, artigos, buzinas de caminhão, cheiros estranhos, cartazes bonitos, chuva sem sombrinha, desenhos até a escolha por pausar, pois explorar a criatividade e a cidade é tarefa inesgotável.

Sendo assim, é importante assumir que mesmo cedendo ao acaso do que cada caminho poderia apresentar, a escolha dos lugares foi permeada pela familiaridade e afeto em relação aos caminhos percorridos, são territórios de Recife que tecem meu imaginário de autonomia, lugares onde comecei a desenvolver e firmar uma certa independência, onde comecei a construir memórias e relações de familiaridade com a paisagem.

Figura 1 - Mapa Bordar até furar o muro da cidade



Fonte - Ana Júlia Ribeiro

Ao explorar a etimologia da palavra "Mapa", encontramos sua possível origem no Latim "Mappa", utilizado na Idade Média para se referir a lenços ou pedaços de tecido, nos quais navegadores e comerciantes traçaram caminhos e direções



conforme seus interesses. Embora os mapas em si não tenham surgido nesse período (vale destacar que nossos antepassados, desde os tempos das cavernas, já desenhavam para compreender a disposição de suas existências como um todo), a conexão com a origem têxtil desses mapas medievais estabelece uma fascinante relação com o objeto de estudo atual.

Minha família tem uma longa e diversa relação com o têxtil, desenhando mapas geográficos entre Pernambuco e Paraíba e mapas subjetivos que conectam os caminhos dos meus antepassados aos meus, é o mapa do caminho têxtil na minha família. Meu trisavô paterno comercializava algodão no sertão da Paraíba, e minha avó recorda caminhões cheios de algodão indo para as fábricas em Campina Grande. Meu bisavô e seu irmão tinham uma loja de tecidos, e minha bisavó era costureira. Minha avó, aprendendo a costurar com retalhos, inspirou minha própria infância, quando eu me enrolava nos tecidos de um baú, criando meus modelos.

Sem me dar conta do momento exato que isso começou, mas em meados da pré adolescência eu estava bordando uma camisa amarela com uma frase em azul para presentear minha irmã, essa era minha primeira peça de muitas. Nunca consegui costurar bem na máquina, mas o contato com os tecidos, as linhas e agulhas é um caminho quase que automático no meu cotidiano gestual, meu corpo pede por esse mover entre linhas.

Natália Rezende (2022), artista visual e pesquisadora, explora o têxtil como um processo ritualístico e gestual, destacando como as expressões com tecidos, linhas e agulhas nas culturas da América Latina refletem narrativas históricas e culturais. Rezende observa que o fio, presente em várias formas de narrativa como tecer, caminhar, contar histórias e desenhar, simboliza a modulação da percepção do tempo e a criação de dispositivos de memória. Ela ressalta que, desde as tapeçarias medievais até o simples ato de fiar, o fio metaforiza a consciência histórica e a inscrição de narrativas sobre o tempo.

O fio, elemento central nas expressões têxteis, carrega narrativas que conectam diferentes percepções de tempo e espaço. O bordado, ao imergir na trama, estabelece conexões entre essas histórias, assim como a cartografia exige



envolvimento com o território. Ambos os processos, bordado e cartografia, dependem do movimento, seja das mãos que costuram ou dos pés que percorrem o tecido urbano, aprendendo com os caminhos e criando novos trajetos. À luz dessa perspectiva, um mapa é, primariamente, um gesto com o propósito de nos situarmos no espaço e no tempo, deixando nossa forma de compreensão para as gerações atuais e futuras.

Existe uma interconexão fundamental entre o ato de conhecer e a capacidade de intervir durante a realização de uma pesquisa. Ao se envolver nesse processo, a pesquisadora mergulha no plano da experiência, onde conhecer e fazer tornam-se indissociáveis. Isso impede qualquer busca por neutralidade, reconhecendo que o sujeito e o objeto da pesquisa estão intrinsecamente ligados na relação que os une.

Barros e Benevides (2015) destacam que a metodologia cartográfica na pesquisa em artes permite que o problema de estudo se desenvolva e ganhe novas camadas à medida que a investigação avança. Nesse processo, as questões iniciais têm um papel fundamental, orientando o caminho da pesquisa. Eles também argumentam que o pesquisador, ao lidar com a produção de subjetividades, muitas vezes começa no meio do processo, imerso em um contexto que já carrega uma história, sendo o território atual resultado de uma série de camadas processuais acumuladas ao longo do tempo.

A cartografia emerge como uma forma de esquematizar as possibilidades investigativas que surgem quando a artista/pesquisadora/educadora se dispõe a entrar em fricção com o meio. O território urbano, enquanto campo de pesquisa, é o resultado de múltiplas camadas, e cada indivíduo atravessa e compreende essas dimensões a partir de sua própria relação com o lugar.

Essa abordagem reconhece que a pesquisa não ocorre em um vácuo, mas é moldada pela conjuntura na qual está inserida. Contudo, em uma cidade grande, essas interações tendem a ser dispersas, frequentemente confinadas aos espaços privados. A motivação de restaurar uma presença ativa e consciente no espaço



compartilhado da cidade, buscando estimular trocas e compartilhar experiências comuns, impulsiona a performance intitulada “Bordar até furar o muro da cidade”.

Cada imagem bordada foi resultado dos escritos no diário de bordo, desenhos, fotografias e impressões durante as caminhadas. O bordado emerge como um exercício relacional na medida que eu me permiti ser afetada pelo outro, esse acolhimento do outro em mim gerou o relacional da ação. Essa prática não se limita a unir pedaços de tecido; é uma forma de estabelecer pontes entre meu processo subjetivo de criação e contexto amplo no qual ele se insere.

Figura 2- As pessoas se misturam quando na rua, bordado em viscose, 35x30 cm. 2023.



Fonte: Ana Júlia Ribeiro (2023)

Na busca por superar limites e fronteiras, a criação de uma cartografia urbana sensível é um convite a explorar os espaços comuns de convívio, transcender os muros e adentrar as ruas e suas frestas. Seguindo o fluxo do texto, caminho na trilha dos sonhos e do encantamento proposta por Krenak (2022, p.32): "O desafio que coloco aqui é o de imaginar cartografias, camadas de mundos, onde as narrativas



sejam tão diversas que não precisemos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de origem". Essa abordagem nos permite ultrapassar a fronteira do ambiente urbano privado e estéril, entre muros, e tentar vislumbrar o que escapa pelas brechas, para deleite de uma transeunte curiosa. As fronteiras, portanto, podem ser atravessadas com o compartilhamento, pois é na interação, nas relações que a vida inevitavelmente acontece.

2. O QUE ATRAVESSA: ARTE

A professora Veronica Pinheiro traz em seu caderno/relato "Pés no Chão" algumas reflexões sobre suas caminharças, ela cuidadosamente convida o leitor da seguinte forma:

As linhas que seguem são um convite. Convido você a andar descalço e a cirandar ao redor da fogueira. Tente não ceder à tentação de buscar significação ou finalidade para esse convite; a consciência ocidental do observador nos empurra à interpretação especulativa dos fenômenos. Tente apenas caminhar e cirandar comigo. (Pinheiro, 2023, p.2)

Através das palavras de Veronica que ecoam em mim, faço um convite à leitora para uma experiência sensorial e intuitiva, desprovida de análises e interpretações intelectuais. O convite para recusar a tentação de buscar significados ou finalidades e se entregar ao fluxo da experiência com menos interferência da mente racional. É justamente no imprevisto, no encontro repentino, na topada, na rua que não entrei, que acontece a experiência que me escapa e que anseio. Se propor a estar no território, consciente, atenta e sem rigidez requer escolhas constantes. Nesse ponto é onde reside a infinidade do movimento urbano, tudo segue seu caminho através e também apesar de mim.

Fayga Ostrower (2005) sugere que o percurso artístico é construído por meio das vivências e escolhas individuais, onde o ato de criar permite que o indivíduo se descubra tanto nas formas que produz quanto na maneira como vive. Nesse sentido, ao bordar fragmentos da cidade que são capturados pela percepção, o trabalho se configura como uma intervenção artística que visa materializar uma presença criativa no espaço público. Cada bordado torna-se uma forma de estabelecer



conexões com o ambiente urbano, demonstrando como a arte pode dialogar com o cotidiano. Assim, essas peças bordadas foram expostas aos transeuntes em uma instalação performática.

A experiência de estar no espaço público é abandonar um pouco de si para passar a ser em coletivo. Continuar sendo o caminho. Atenção, para tal feito é preciso aprender a não pisar em formigas, eis um dos auge da atenção plena. Esse processo valoriza a experiência estética do movimento em si, reconhecendo o potencial do caminhar como uma prática que transcende a mera locomoção. Na constante transformação do devir e na errância do desvio, o caminhar adquire um significado estético profundo, proporcionando novas perspectivas sobre o espaço e a experiência humana na cidade.

Realizar a exposição dos bordados nas ruas de Recife foi verdadeiramente uma imersão na surpresa. Não tinha ideia do que poderia acontecer, e parte da experiência foi justamente abraçar a falta de controle sobre a situação. Fazer uma performance em um espaço público requer compreender que o ambiente é tão essencial para a obra quanto qualquer elemento criativo. O vento se revelou como um companheiro persistente, especialmente próximo ao mar. Após tentar montar e desmontar três vezes, finalmente encontrei um equilíbrio entre ele e a estrutura com os bordados.

Figura 3 - Performance no Marco Zero



Fonte: Ana Júlia Ribeiro (2024)



Ao longo dessas experiências, também observei que algumas áreas da cidade, como o mercado público, estão cada vez mais abandonadas. Especialmente ao anoitecer, os arredores ficam praticamente desertos. Essa constatação despertou em mim um senso de urgência sobre a revitalização desses espaços, onde a arte pode desempenhar um papel crucial. Além de ser uma exposição, percebi que construí um espaço de encontro. Pessoas queridas compareceram, discutiram as criações, passearam pelos arredores e interagiram com o território. A provocação artística gerou, por si só, um fluxo de vida nas ruas, parques e mercados da cidade. Essa interação entre arte e comunidade é vital para fortalecer o tecido social e promover a revitalização urbana.

No ápice desta seção, encontramos uma reflexão profunda sobre a experiência de deambular na cidade como uma forma de expressão e conexão com o ambiente urbano. Ao abandonarmos a busca por significados predefinidos e nos entregarmos à experiência sensorial e intuitiva, abrimos espaço para uma compreensão mais profunda da vida urbana e de nós mesmos.

O QUE CONTINUA

Engajar-se no ato de bordar e explorar o espaço público são formas de resistência à padronização dos corpos no cotidiano. O bordado oferece uma pausa no ritmo frenético da vida contemporânea e abre caminho para novas experiências.

Durante a pesquisa, foi essencial identificar fronteiras físicas e sociais, como divisões entre diferentes experiências urbanas marcadas por classe, gênero e raça. Essa travessia exigiu uma reflexão sobre minhas próprias memórias da cidade, onde o íntimo e o coletivo se entrelaçam. O bordado emergiu como o elo que conecta corpo, caminhadas e arte.

Os pontos finais dos percursos não apenas marcaram o fim das jornadas, mas também se tornaram palcos para performances de bordado. Esses momentos devolveram ao território uma expressão criativa e acrescentaram uma camada



artística aos espaços explorados, incentivando o questionamento das barreiras físicas e sociais na cidade e promovendo inclusão no espaço público.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

CAMPBELL, B. **Arte para uma cidade sensível**: Arte como gatilho sensível para novos imaginários. Tese (Doutorado em Artes Visuais)—Escola de Comunicação e artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://brigidacampbell.art.br/Arte-para-uma-cidade-sensivel>. Acesso em: 23/10/2023.

PASSOS, EDUARDO; BENEVIDES, Regina. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ELKIN, L. **Flâneuse**: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. São Paulo: Fósforo, 2022.

KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PINHEIRO, Veronica. **Cadernos Selvagem**: Pés no chão. Rio de Janeiro: Dantes, 2023

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 2005.

REZENDE, N. **Tramas contemporâneas na América Latina**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes, 2022.